

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Um espetáculo que faz bem

Não conheço bom filme sem excelente roteiro; desconheço peça de teatro que tenha partido de mau texto. Evidentemente, a chamada “dramaturgia original” não é necessariamente um texto estrito e originalmente escrito enquanto dramaturgia, ruptura que começou ao final do século XIX e início do século XX, com realizadores como Adolphe Appia, Edward Craig e Vsevolod Meyerhold, dentre outros. Mas isso não significa que o espetáculo seja pura improvisação, a não ser que esteja destinado a uma única performance, e mesmo assim, o *metteur en scène* precisa ter ideia do que pretende apresentar para comandar sua equipe de técnicos e intérpretes.

Isso não é ‘nariz de cera’, como um leitor mais antigo possa pensar, relembrando o jornalismo de influência francesa, como se praticava naquela mesma época no Brasil. Quero introduzir, com estas observações, o comentário a respeito da transmediação do livro da jornalista Christa Berger, *Jurema Finamour. A jornalista silenciada em espetáculo teatral*, sob o título *A mulher que virou bode: a história perdida de Jurema Finamour*. Primeiro mérito: ser trabalho de equipe, verdadeiramente coletivo, embora, segundo mérito, a concepção do espetáculo, de Marcelo Bulgarelli, que também assina sua direção, seja - como diria Aristóteles em sua *Física* - o agente ativo de todo o processo. Mas há a dramaturgia de Luiza Waichel - uma das intérpretes, diga-se de passagem, o que reforça a ideia de equipe e de coletivo - mais a seleção de depoimentos da jornalista Christa Berger e de Maria Helena Correa Pires, além da assistência de direção de Cláudia Sachs. Claro que não se pode esquecer a trilha sonora, que só não chega a ser surpreendente porque é assinada por Antonio Villeroy, mais a preparação musical e os arranjos vocais de Simone Rasslan, além da assistência coreográfica de Carlota Albuquerque. Some-se a isso a cenografia de Máira Coelho e Denise Ayres, que respondem igualmente pela criação e produção de objetos, em especial as máscaras de Fábio Cuelli e, enfim, os figurinos de Máira

Este dinamismo, que de muitos faz um único, não é milagre nem acaso, mas nasce de um trabalho muito bem desenvolvido

Coelho (que também assina a cenografia) e Rafael Silva. Não devo esquecer, finalmente, a iluminação de Nara Lúcia Maia. Se procuro mencionar a cada um dos técnicos que interferiram na criação deste espetáculo, não é exatamente para individualizá-los, mas chamar a atenção para o fato de que raramente uma equipe tão grande e diversa alcança uma unidade como esta.

Faltou, mas não esqueci, a principal atração deste belo espetáculo: as atrizes Deliane Souza, Eulália Figueiredo, Iandra Cattani, Luiza Waichel e Sophia Lovison. Tudo o que louvei, antes, sobre o coletivo e a identidade do grupo técnico, acrescenta-se agora ao conjunto do elenco. Esta identificação, este dinamismo, que de muitos faz um único, mas gigante, poderoso e forte e, por isso, contagiante e emocionante, não é milagre, não é acaso, mas um trabalho que deve ter sido muito duro, muito pesado, muito bem desenvolvido - e durante quanto tempo?

Disso tudo resulta a profunda identificação que se criou entre a equipe e o texto, que se mimetizou no espetáculo absolutamente incrível e raro a que se assiste.

Durante hora e meia não sei se me envolvia mais com a coreografia, com os figurinos e máscaras,

com o texto (eu já conhecia a história, tinha lido o livro, mas ainda assim é como se fosse a primeira vez) que, a todo o momento, na melhor tradição do teatro brechtiano, quebrava o padrão narrativo, distanciava-se do dramático - apelando para o chiste - e assim melhor denunciava os absurdos que cercaram a vida desta mulher. Com um acréscimo ao livro: se a luta feminista é evidente na narrativa e no ponto de vista da narrativa, torna-se o móvel que articula todo o espetáculo, somando-se, assim, a todos os episódios verdadeiramente folhetinescos que Jurema enfrentou ao longo da vida.

Este tipo de espetáculo é joia rara, a gente pode ser tentado a dizer: assistir a *A mulher que virou bode*, e depois nunca mais ir ao teatro... Mas não, saí do teatro, querendo voltar, ter mais teatro assim, porque este tipo de teatro faz bem pra gente!

acontece



Apresentação na KTO Arena comemorou os 40 anos de estrada da banda alemã de heavy metal

Helloween celebra clássicos e mostra renovação em show empolgante em Porto Alegre

Igor Natusch

Porto Alegre e o Helloween têm uma história longa e, na maior parte do tempo, vitoriosa. Pelo menos desde o começo dos anos 2000, a banda alemã de heavy metal visita com frequência nossas terras, quase sempre com excelente acolhida - e não havia motivos para imaginar que fosse diferente nesta quarta-feira, quando as abóboras estiveram na Capital para celebrar os 40 anos de estrada. Em um show dinâmico e cheio de energia, foi mantido com sobras o saldo positivo em nossas terras, deixando os cerca de 2.600 fãs que compareceram à KTO Arena com sorrisos no rosto e ouvidos zunindo, no melhor sentido.

Na verdade, o jogo estava ganho desde a abertura, com a clássica *March of Time*. Com muita movimentação de palco, incluindo uma plataforma projetada na direção do público, os sete músicos não precisaram de mais do que de poucos minutos para ter a plateia na mão. Pena que o som não correspondeu: tudo estava embotado e indefinido, ao ponto de ser difícil reconhecer os primeiros segundos de algumas músicas. A situação melhorou um pouco no decorrer do set, mas as vozes, por exemplo, nunca vieram com a nitidez que o show merecia, e o baixo do excelente Markus Grosskopf só se fez realmente audível quase no final da noite. Felizmente, o clima positivo entre banda e público manteve-se inalterado, compensando com alguma folga as dificuldades de acústica.

A formação em septeto, com membros do *line up* clássico se unindo a integrantes mais recentes, se mostrou um grande sucesso, e o grupo claramente sabe como usar essa abundância de recursos humanos da melhor maneira. Músicos entram e saem do palco com frequência, em pausas calculadas para que todo mundo tenha seu respiro - algo especialmente necessá-

rio para Michael Kiske e Andi Deris, os dois vocalistas, que passam boa parte da noite levando suas cordas vocais ao limite. Em momentos estratégicos, o guitarrista Kai Hansen (que cantou nos primeiros trabalhos de estúdio do conjunto) assume os vocais; em outros, um solo de bateria do infatigável Dani Löble ou uma vinheta mais extensa surgem para o resto da banda tomar uma água no *backstage*.

Faixas dos clássicos álbuns *Keeper of the Seven Keys* foram a espinha dorsal do longo *setlist*, com destaque para a relativamente obscura *Twilight of the Gods* e as clássicas *Future World* e *I Want Out*. Os telões realçam a experiência em cada faixa, com direito a aparições do personagem-símbolo da era *Keeper* (uma figura mística envolta em um manto roxo) dialogando com o público. Canções do álbum mais recente, *Giants and Monsters*, também se fizeram presentes, em especial a festejadíssima *Universe (Gravity for Hearts)*, composição do relativamente novato guitarrista Sascha Gerstner. As notas que Michael Kiske alcança em temas como *Halloween* e *A Tale that Wasn't Right* seguem cristalinas e impressionantes, enquanto Andi Deris esbanja competência e carisma, seja na pesadíssima *We Burn*, seja em momentos mais melódicos como *Hey Lord*.

Mesmo após cerca de duas horas de muita animação, o bis com *Eagle Fly Free* e *Power* foi como um gás extra na plateia, que pulava e cantava como se o show recém tivesse começado. Fechando a noite, bolas infláveis caíram sobre o público, enquanto *Dr. Stein* e uma vinheta de *Keeper of the Seven Keys* marcaram o encerramento sônico de uma noite de puro power metal melódico. Mais um capítulo de sucesso em uma saga que une o Helloween e os gaúchos, e que se espera que ainda esteja bem longe do fim.